

## O ÚLTIMO CASARÃO REMANESCENTE DAS ÁGUAS NÃO TÃO AZUIS DE UM CERTO RIO: O MOVIMENTO DE ARTE-EDUCAÇÃO NO RS

**AUTA INÊS MEDEIROS LUCAS D'OLIVEIRA<sup>1</sup>; MIRELA RIBEIRO MEIRA<sup>2</sup>**

1 Mestranda. Programa de Pós Graduação em Artes Visuais-Mestrado.PPGAV/CA/ UFPel.Núcleo Transdisciplinar de Estudos Estéticos-NUTREE. [autaines@yahoo.com.br](mailto:autaines@yahoo.com.br)

2 Orientadora. Coordenadora do NUTREE e docente do PPGAV/CA e Professora da FaE / UFPel. [mirelameira@gmail.com](mailto:mirelameira@gmail.com)

### INTRODUÇÃO: A NASCENTE

Lembra do quanto amanhecemos/Com a luz acesa  
Nos papos mais estranhos/ Sonhando de verdade  
Salvar a humanidade/ Ao redor da mesa  
Nei Lisboa

O tema escolhido para este trabalho brota de uma paixão fluida, de um sonho e de uma reflexão sobre este sonho. Este sonho é “Sonhando de verdade/ Salvar a humanidade”, como aponta Nei Lisboa, crença nem tão ingênua que possuíamos nos anos 80. Também se propõe a recolher anotações sensíveis nas margens de acontecimentos, situações, encontros, performances, discussões, eventos, aulas, etc que cercaram a arte educadora que sou, em muitos momentos, inclusive os momentos de se expor ao sol descascando uma laranja, na beira do rio da minha aldeia. E ali, fazer uma reflexão sobre a vida, meu trabalho, sobre o que me atravessou nestes anos todos, que destino terá a arte e seu ensino daqui para frente. Professora de Artes desde 1993, sigo os conselhos de Paulo Freire (1996) que defendia que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Entre estas reflexões, encontrei-me com uma dúvida instigante, relacionada ao movimento dos arte educadores reunidos em associações como a Associação Gaúcha de Arte-Educação, a AGA, espalhada em núcleos pelo estado. Pergunto-me como anda este movimento tão forte e transformador nos anos 80; que força tem hoje, diante do que vemos por aí como ensino de arte; para onde foram os ideais que tínhamos de transformar a educação e a humanidade, acreditando na arte como a força mais importante no processo de humanização?

Ingressei no mestrado disposta a investigar o Movimento dos Arte-Educadores do RS através de um olhar histórico sobre a AGA. Entretanto, após um semestre de aulas neste curso, não consigo mais focalizar o exterior sem abarcar simultaneamente o universo interior de quem olha, ou seja, sem incluir-me como narradora.

Fui testemunha ocular dos primeiros movimentos da AGA, e como sujeito, tornei-me parte da investigação. Nesse sentido, passei a investigar a AGA como associação de pertença, como vínculo afetivo. Meu foco não está na instituição que remete ao poder, mas na *tribo* (MAFFESOLI, 2000) cuja potência advém da paixão social. A mesma potência que transforma o indivíduo de espectador social em coletivo - apoiado não num contrato, mas num ‘vínculo carismático’ que se modula diversamente.

A *tribo* (MAFFESOLI, 2000), dos arte-educadores gaúchos se aglutina e se dispersa e, nesse movimento, a AGA emergiu e submergiu diversas vezes, nessas

quase três décadas. Aparentemente, ela hoje não possui a mesma força dos anos oitenta, mas que configuração adquiriu? Que espaços são pela AGA agora ocupados? Quem são as pessoas que nela habitam? Os espaços e as lutas pelas quais sonhamos são os mesmos dos anos oitenta? O que mudou? Quais são as prospecções para a arte-educação neste início de século? Não terá chegado o tempo da revisão dos primórdios daquele movimento? O que sabem hoje os estudantes de artes sobre a AGA e seu passado de lutas, distribuídos que estão, em cursos diferentes, com pouca ou nenhuma relação entre eles?

## **MATERIAL E MÉTODOS: AS MARGENS**

Mergulhada de olhos abertos na corrente das águas, encontrei-me com o Movimento das Histórias de Vida em Formação, e me vi realizando a proposição de Josso (2010:84) em que “viagem e viajante são apenas um”. A metodologia de Josso foi como um redemoinho nas águas deste projeto e decidi me deixar levar, ao perceber que a singularidade existencial ocorre numa espécie de jogo dialético interioridade/exterioridade.

A construção de *narrativas de vida* é uma mediação para uma reflexão formativa sobre os processos de formação, conhecimento e aprendizagem, uma tomada de consciência de como buscamos o que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos em nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Além disso, permite refletir sobre que momentos se constituíram como *divisores de águas*, provocando aprendizagens, e porquê. “Já não se trata de aprender a aprender, mas aprender consigo a aprender” (JOSSO, 2010:108). Através de um processo de auto-reflexão, tomamos consciência de nosso permanente estado de formação / conhecimento / aprendizagem ao longo dos percursos de vida. Nossas narrativas são elaboradas segundo *sensibilidades particulares* num período dado, “referencial para uma autointerpretação construída coletivamente” (JOSSO, 2010:41).

Assim, metodologicamente, investigar requer duas abordagens: uma em direção ao sujeito, outra em direção ao *objeto*. Neste sentido, vou articulando estes dois remos: a pesquisa de uma farta documentação e de depoimentos dos líderes da AGA nessas quase três décadas e a auto-reflexão sobre o meu processo de formação enquanto arte-educadora na busca de minhas intersecções com este movimento, no que ele me constituiu e permitiu ser, hoje, a educadora que sou.

Entre os autores, encontro em Morin (2002) e Maffesoli (1996) o referencial que me permite sustentar que o que é humano comporta afetividade e racionalidade. Ambos concebem a afetividade como o *cimento da comunidade* que alimenta um sentimento de apego à *tribo* (MAFFESOLI, 2000) Nela, o emocional fundamenta-se em sentimentos comuns, na experiência partilhada, na vivência coletiva.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO: UM CAUDAL LIBERTO**

Na reflexão sobre meu processo de formação, conforme a metodologia das narrativas biográficas, o momento atual da pesquisa examina recordações-referências, as aprendizagens-experienciais que me permitam identificar a importância da AGA em minha vida. Além disto, revisito o que me constituiu enquanto arte-educadora, investigando, ao mesmo tempo, que *encantamento* é esse que persiste e me acompanha desde os distantes anos oitenta.

Segundo a metodologia de Josso, para que a pesquisa progrida, é necessário que os sujeitos “possam classificar as experiências que subsidiaram os seus pontos de vista e que sejam capazes de dar conta do processo reflexivo, aqui e agora, sobre essas experiências” (JOSSO, 2010:89).

Entramos assim na *espiral retroativa* dos três níveis que qualificam o processo de conhecimento ligado ao projeto. No primeiro, explicita-se a formação pela construção da história de vida do sujeito; no segundo, realiza-se um levantamento do itinerário do conhecimento e referenciais que o acompanharam, e, no terceiro nível, busca-se evidenciar a questão do tempo, os níveis de maestria, as compreensões genéricas transversais e identificar as posturas de aprendente.

Portanto, como *sujeito-aprendente*, construo minha narrativa biográfico-pedagógica que consiste na primeira etapa deste projeto, ciente do caráter de espiral e retroativo que este movimento produz. Como em um redemoinho, mergulho nas águas da memória, sem abrir mão de que “para escrever, prefiro ler em minha pele de esfolado do que copiar os pergaminhos da biblioteca” (SERRES, 2004:72).

## CONCLUSÃO: UM ÚLTIMO MERGULHO

É quando a vida vaze / É quando como quase / Ou não, quem sabe  
Leminski

A investigação está em fase de pensar meu processo biográfico-pedagógico, a partir do sopro, a partir de mim, do meu rio e deste vazamento de vida. Não penso em *ensino de artes* ou *Artes Visuais*, mas em Educação, Arte e Cultura caminhando juntos. A *experiência estética* de fundamento social concebida como “a arte [que se torna] uma espécie de pão cotidiano” (MAFFESOLI, 1996:116). Este é o sentido para a qual dirijo meu trabalho e meu viver durante o curso da minha existência: o gozo estético compartilhado na vida cotidiana, prazer que se torna cultura.

Isto pude comprovar em Pedro Osório, onde, depois de muitas andanças, senti-me enfim cidadã-do-mundo. Contribuí em muito a experiência do *Último Casarão Remanescente das Águas Não Tão Azuis de um Certo Rio*, este espaço cultural onde passamos a constituir uma nova nascente, mais um olho d’água a jorrar arte, cultura e cidadania no Olimpo<sup>3</sup>. Os deuses estavam à nossa volta, deuses das águas, das matas, orixás e pajés. Muito além dos gregos, qualquer mitologia era bem-vinda no Último Casarão, um espaço cultural que durante quase cinco anos arregimentou *casareiros* de todas as idades irradiando ações ecológicas, artísticas, esportivas, políticas e pedagógicas que ecoam até hoje no curso de nossas vidas.

A mesma postura ética e estética que desenvolvi durante minha formação universitária e na AGA segui no Último Casarão e nas escolas por onde trabalhei. Em 1997, ocupei o cargo de Secretária Municipal de Cultura, Turismo e Desporto, onde percebi que me sinto melhor entre a *potência* do que entre o *poder*. A temporada que passei na SMEC coincidiu com o fim das atividades no Último Casarão. Os casareiros se dispersaram, alguns casaram ou morreram, outros foram morar fora da cidade, do estado ou do país. Todavia, mesmo distantes, sempre que nos encontramos percebemos o quanto fomos privilegiados por termos colocado em prática os sonhos de uma sociedade alternativa. Saímos de dentro do casarão, mas o casarão jamais sairá de dentro de nós.

---

<sup>3</sup> Antes da emancipação, esta localidade chamava-se Vila Olimpo, uma alusão à Estância Paraíso, uma das mais antigas do RS.

Das reflexões realizadas, anoto que me sinto, por fim, parte dessa unicidade singular-plural, integrante desse cosmos, navegante nessa nave. Carrego heranças culturais, familiares, socais. Sou resultado de tudo o que veio antes de mim e sei da responsabilidade das minhas ações para as futuras gerações. Carrego em mim o compromisso com os que vão segurar o bastão nessa corrida de revezamento. Sintonizo com Morin quando evidencia que “como um ponto num holograma, carregamos em nossa singularidade, não apenas toda a humanidade, toda a vida, mas também quase todo o cosmo, inclusive seu mistério que jaz no fundo de nossos seres” (MORIN, 2001:49).

No último mergulho, reencontro as questões que me estimularam a iniciar este projeto. Como andar a AGA, que configuração terá adquirido? Quem são as pessoas que nela habitam? O que mudou nos espaços e lutas que sonhamos nos anos oitenta? Quais são as prospecções para a arte-educação neste início de século? Não terá chegado o tempo da revisão dos primórdios daquele movimento?

A AGA continua aqui, dentro de mim e de todos os que dela participaram. Adquiriu uma consistência virtual, mas conforme os registros, é característica dessa entidade emergir e submergir, portanto basta reunir dois ou mais arte-educadores e ela ressurgiu enquanto *tribo* como potência (MAFFESOLI, 2000).

Tenho consciência de que há muito ainda que percorrer nos itinerários da pesquisa, no entanto, já encontro em Josso o conforto de saber que não preciso ter pressa, pois o processo só termina no fim da vida.

Algo está em estado de pulsão, força motriz, pronto para surgir de um outro nível para este. O que esta potência promete vir a ser? O simples fato da existência desse devir me estimula a continuar em sua busca... Utopia? A um passo que damos em sua direção, se afasta um passo adiante. Cada vez mais perto e mais distante, a utopia serve para nos fazer caminhar. E assim vou andando... Em terreno utópico, semeando Arte em todas as idades, entre a boniteza estética e o comprometimento ético.

Às voltas com minha *aldeia* ribeirinha, me sinto cada vez mais índia procurando, na interação, o prazer de viver em tribo. As lutas continuam, os sonhos também, mudam as águas mas é o mesmo rio. O essencial não mudou, a conjuntura é que mudará sempre, entretanto, a história é feita de permanências. Sempre que for preciso, teremos, flutuante, a memória de nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Violência Totalitária: ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MORIN, Edgar. *O Método 5. A Humanidade da Humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.